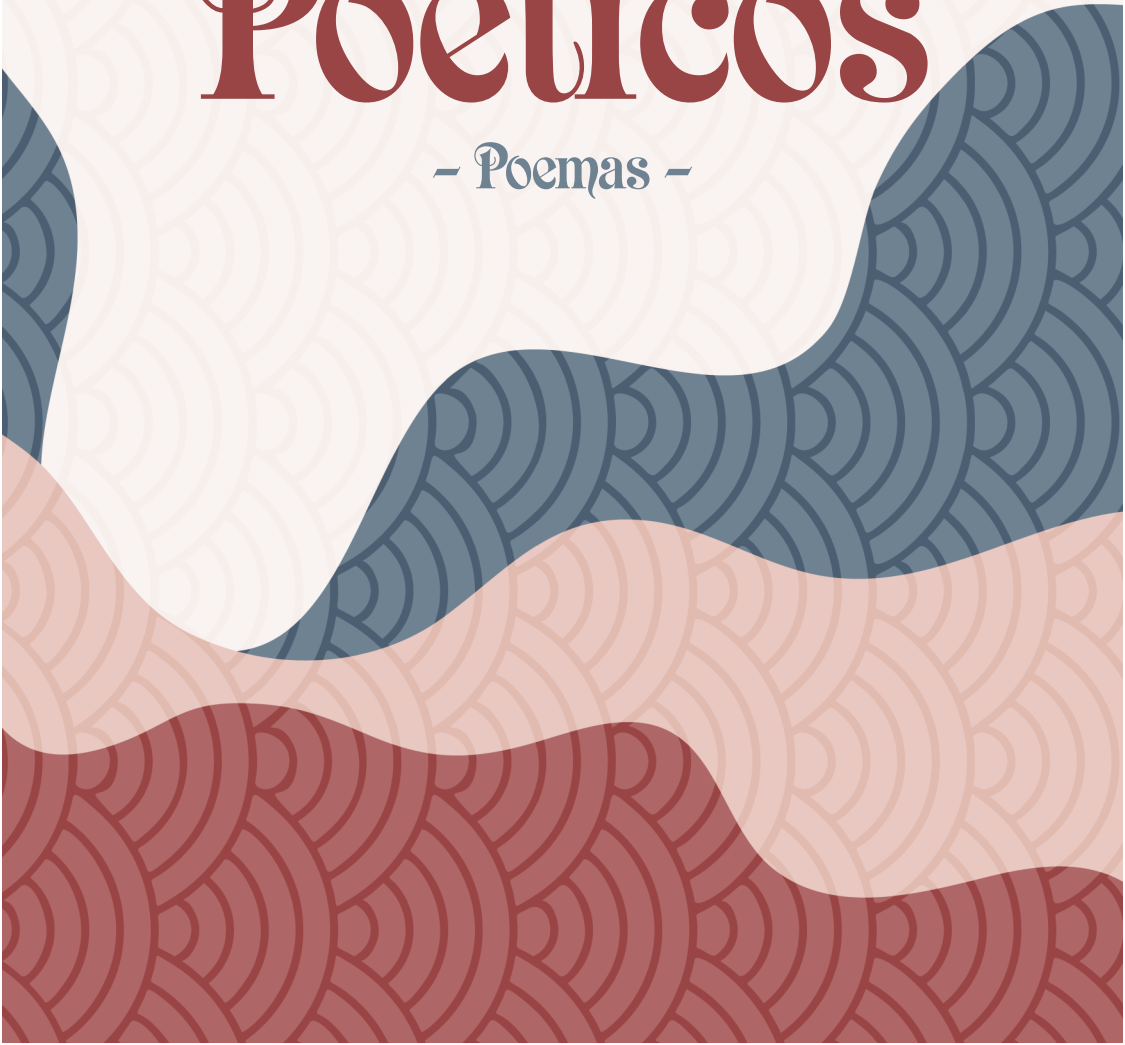


Moacir Luís Araldi

# Abstratos Poéticos

- Poemas -



**Abstratos poéticos** é meu quinto livro solo. O primeiro foi **Cabernet**; o segundo, **Interlúdios**; o terceiro, **Horizontes** e o quarto livro teve o título de **Charneças floridas**.

Em 2017, organizei a *Coletânea de Poemas do Projeto Passo Fundo* e, em 2018, a *Antologia Encontro também do Projeto Passo Fundo*.

Tenho ainda participação em mais vinte e cinco antologias pelo Brasil. Além de publicar poemas em meu próprio site, eu publico também em vários outros sites literários.

**moacirluisaraldi  
.com.br**

Moacir Luís Araldi

# Abstratos Poéticos

- Poemas -

Passo Fundo  
Ed. Do Autor  
2023

Disponível no formato eletrônico PDF

**Todos os direitos reservados ao Autor.**

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão: Maria Elisabeth Candio

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Araldi, Moacir Luís

Abstratos poéticos : poemas / Moacir Luís  
Araldi. -- 1. ed. -- Passo Fundo, RS : Ed. do  
Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-65239-0

1. Poesia brasileira I. Título.

23-149200

CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

Aos amigos:

Miguel Augusto Guggiana e Roque Tomasini, porque café inspira, ao Projeto Passo Fundo, pelo constante apoio.

# Conteúdo

Apresentação .....	7
Prefácio.....	9
/ Em mim sou.....	13
/ Arco-íris.....	14
/ Camafeu.....	15
/ Dobradiças.....	16
/ Flores .....	19
/ Paraíso .....	20
/ Outra estação .....	21
/ Pelo ar.....	23
/ Chuva.....	24
/ Passagem .....	25
/ A música .....	26
/ De manhã.....	28
/ Nada.....	29
/ Delírio.....	30
/ Distante.....	32
/ Visão .....	34
/ Sobre mim .....	35
/ Temporal.....	36
/ Pranto oculto.....	38

/ Sentença.....	40
/ E partem .....	41
/ Lua.....	42
/ Plurais .....	43
/ Eternidades .....	44
/ Rédeas .....	45
/ Fim do dia.....	46
/ Epílogo .....	47
/ No chão .....	48
/ Paz e poesia .....	49
/ Química .....	50
/ Liberdade.....	51
/ Às vezes.....	52
/ Notas.....	53
/ Infusão .....	54
/ Fragrância.....	55
/ Metades .....	56
/ Ficou.....	57
/ Imagens fugazes .....	58
/ Estranho meu.....	60
/ É assim .....	61
/ A vida passou.....	62
/ Palavras .....	63
/ Relógios.....	64
/ Vontades .....	65

/ Olhar .....	66
/ Asas .....	67
/ Emudeci.....	68
/ Verdade .....	69
/ Cara e coragem.....	70
/ Bis .....	71
/ A rua .....	72
/ Tardezinha .....	73
/ Maçãs.....	74
/ Novos amanhã.....	75
/ Fugaz .....	76
/ Ímpeto.....	78
/ Último sol.....	79
/ Sua vida .....	80
/ Folhas .....	81
/ Atemporal .....	82
/ Quietude .....	84
/ A ave.....	85
/ Desequilíbrio .....	87
/ Lembrei-me de Pietá .....	89
/ Lembranças .....	90



# Apresentação

Este é o meu quinto livro e todos eles são dedicados à poesia.

Em **Abstratos poéticos** sigo minha linguagem poética simples, tentando transmitir o sentimento poético que norteia o horizonte da poesia em sua essência.

Não vou me referir a nenhum poema individualmente aqui, nesta apresentação, e nem mesmo fazer uma análise mais aprofundada do conjunto de poemas que compõem esta obra.

Espero apenas que, juntos, possamos traçar uma espécie de diálogo em versos, os quais possam exaltar a arte poética em todos os seus ângulos, e que isso possa tornar nossa vida mais plena de encantos e belezas.

Meu convite é para que você se entregue, por alguns minutos, ao deleite que os meus poemas esperam derramar no seu coração. Porque, aqui, eles já esperam por você, de braços abertos.

Boa leitura.



# Prefácio

Em face dos Abstratos poéticos, quinto livro da bela safra de Moacir Luís Araldi, descortina-se um mergulho na alma, através de versos simples com temática profunda, tal como em *Arco-Íris*:

*Preferi colorir meus olhos,  
deixando a natureza como estava.*

O poeta em questão igualmente projeta profundidades com imagens ricas e metáforas bem construídas, como em *Camaféu*:

Morder os olhos, /sentir o sabor/e degustar lentamente/semente por semente;

E no belíssimo Pelo **ar**:

*Dormem as borboletas. /Pedras endurecem o tom /e as areias desmaiam o chão.*

Utilizando-se, notadamente, de elementos da natureza, Moacir aborda realidades e desencantos da vida de todos nós:

*Á noitinha, a neblina virá/como sempre vem,/e mudará meus pensamentos./Lembrar-me-ei das nuvens brancas/ que abrirão o dia, amanhã,/e terei vontade de escrever/um verso nelas.*

*Mas o giz não alcança,/e, se alcançasse, seria da mesma cor:*

*- Ninguém leria.*

- Do poema *Delírio* –

*Por suas estrelas, /a noite é linda,/e a escuridão que/não se vê/é pranto oculto,/latejante,/vulto/que dói profundo.*

*Às vezes escura,/às vezes bela./É como a vida /- Eterna espera.*

- Do poema ***Pranto oculto*** –

Há, por conseguinte, poemas que falam da humanidade (ou da desumanidade) dos seres humanos, como em ***Plurais***:

*O tempo nublou/ e a chuva virá/ ao anoitecer./ Falta humanidade /e botes Salva-vidas.*

*Discursos plurais,/razões singulares./ Pobre gente! /Em mãos que metem a mão/ o poder apodrece. /E o mal floresce.*

Entretanto, há redenção e esperança para todos, como no sublime poema ***Eternidades***:

*Quase toda noite é escura, /mas há exceções./ Nem todo breu é sem brilho,/ são diferentes as visões. /Almas não ficam sozinhas./ Existe a leveza do voo /e, se não bastasse, /são tantas as eternidades!*

Sabendo, inclusive, que sua matéria de beleza é a poesia, Moacir presta sua singela homenagem a essa arte, quase sempre esquecida, em ***Infusão***:

*O perfume exala, /inspirando o rimador. / Quente é a poesia. / Seu rosto é retrato / de vapor abstrato, /desenhado no espelho. / O verso cafeinado ascende os sonhos*

*dá asas aos pensamentos*

*enobrece a criação*

*e*

*a*

*ternura*

*poética*

*voa.*

O poeta também sabe celebrar a vida vivida, embora com certa nostalgia, em um dos mais belos poemas do livro, ***Olhar***:

*Olhei demoradamente  
para a foto da família.  
Rostos lindos,  
que meu coração vê.*

*Dedicatória  
de algum ano  
em que o sol se punha, rindo.*

*De lá para cá, eu a perdi,  
juventude!  
Agora, só a tenho retratada.  
Mas eu ainda a encontro na memória...  
Ficou longe  
a cor da infância!  
Silêncio é o que prende  
a garganta.  
Fecho os olhos.  
Saudade!*

Saudade é também o que nos fica, após a leitura de ***Abstratos Poéticos***, um livro que discorre acerca de silêncios, tal qual em *Quietude* (Onde se abriga o silêncio/que tantos guardam?), e em muitos outros poemas. Todavia, é com o ruído das palavras que Moacir Luís Araldi se destaca como sendo um dos grandes poetas de sua geração, seja por seu lirismo que encanta, seja pelo manejo majestoso das palavras.

***Maria Elizabeth Candio***

Professora de letras, com mestrado em Literatura Comparada, revisora, poeta e membro da Academia Contemporânea de Letras.



## **Em mim sou**

Sou quando digo,  
mas, quando dizes não,  
sou mais.

Só minha voz me fala;  
O que vem de outra boca  
não me desperta.

Eu vivo em mim  
e em mim sou.

Os que são por aí  
nunca serão meus.

E quando eu sair,  
sairei solitário,  
sem nenhum aceno,  
nenhuma despedida.

Silenciosamente invisível.

# Arco-íris

Preferi colorir meus olhos,  
deixando a natureza como estava.

Não pintei caminhos,  
não criei arco-íris,  
não desmatei sentimentos.

O mundo ficou

Multicolor:

- Porque nos meus olhos  
nasceram lindas flores.



# Camafeu

Nozes se abrem  
(prensadas),  
como olhos sonâmbulos  
em altas madrugadas.

Morder os olhos,  
sentir o sabor,  
e degustar lentamente  
semente por semente.

Depois o vento  
volta e  
sacode a Nogueira.

Outros olhos  
brancos:

inefável Camafeu.

# Dobradiças

A porta está fechada  
há muito tempo.  
As dobradiças rangem,  
longamente.

Chove não tão forte,  
mas os pés parecem afogados.

Um ventinho anuncia pausa.  
Pingo isolado faz a poça tremer.

Lá dentro está seco.

O tempo deve ter agido,  
mas criou mau cheiro no ambiente.

Marcas de total ausência.

O que foi sonho,  
foi-se.

Foice.

As marcas estão em tudo.

Era lindo!

Findou-se  
e a criação não encanta,  
não é mais arte.

Voltar ao trem é inevitável:  
- balança, balança, balança  
e segue seu caminho, seu fluxo.

As estações se sucedem.  
Sigamos.  
A vida assim pede.

Ainda chove,  
não há enganar.  
Tudo está vivo,  
só não se expressa.

Tempo  
impiedoso, indigesto, implacável.  
Nada desfaz, apenas afasta,  
lacrada e esconde a chave.

O olhar em pântanos  
não brilha cintilante.

Nada voltará a ser como antes.

Cegará em instantes.

# Flores

Abrem-se flores  
e sucumbem rápido  
os dias setembrinos.

Mas ainda se pode  
dormir entre pétalas  
uma saudável sesta,  
no mar primaveril.

Borboletas se perfumam  
inocentes e incautas  
no sol florido.

Ao longe, um ruído:  
- Outubro se aproxima.

Lá no alto, uma folha  
balança  
- bem acima-

dóceis dias.

# Paraíso

Permita-me voltar ao lugar  
onde se escala pelo ar  
sem ruídos, sem plateia,  
sentindo o perfume das azaleias.

Sacadas enormes, suspensas,  
cheias de vazios brilhantes,  
onde o tempo corre diferente  
e as horas são meros instantes.

Ali se vive a felicidade.  
Tudo branco, tudo igual.  
Há troféus abundantes,  
que ninguém quer levantar.

Não, não é o céu que se desenha,  
nem o paraíso do desejo sonhado.  
É um lugar de fantasias naturais,  
hoje, atual - sem futuro, sem passado.

# Outra estação

É preciso começar  
pelo começo – dirão.  
- Mas, onde é o começo?

Pela mente  
é a razão.

Pelo coração  
é a emoção.

E, se tudo o que começa,  
tem fim,  
não há pressa em começar.

Não, não começaria ainda  
- talvez, um dia -  
em plena primavera,  
para começar pela flor.

Ou começaria em uma outra estação  
pela raiz.

Não gosto de finais.

Não começarei agora  
- não começarei -  
Jamais.



# Pelo ar

Exilados os dias:

- Self da vida  
sem lume.

Paisagem atroz,  
cheiro de pólvora  
mata o ar.

Mundo órfão.

Dormem as borboletas.  
Pedras endurecem o tom  
e as areias desmaiam o chão.

Gotículas de silêncio.  
O vento  
pouco tem para balançar.

Aroma de chuva ausente,  
o vaso vazio,  
sedento de sementes.

# Chuva

Chuva,

dirão:

- Coisa boa!

Pancadas de verão

de um dia à toa.

Dia de não morrer.

Seria triste morrer

num dia chuvoso?

# Passagem

Seja via só de passagem.  
Não plante futuros entre as pedras,  
nem abane adeuses em cais,  
em momentos sombrios.

Melhor ouvirmos o vento declamar  
redemoinho-de-poesias  
que encham de alegrias,  
mesmo que fúteis e vazias.

Sem medo de decepções,  
mantendo o sonho bem vivo  
e a felicidade em nossas mãos.

# A música

Entra na alma  
e deixa a mente em rebuliço.  
Estressa e acalma,  
decepciona e encanta.

Viver é tanto  
e tão pouco!

É só uma canção,  
mas arrasta o mar,  
mareja os olhos  
e provoca lembranças.

Saudosas danças  
puxa lágrimas,  
estende a mão  
e já não alcança.

Há o horizonte  
para ser refeito.

Tantas montanhas,  
dunas,  
montes...

Já nada preenche,  
não refaz.  
Eram tantas,  
mas tornaram-se jamais.

É só uma canção  
com falsetes,  
versos líricos  
e amores em vão,  
que se vão  
como dançar num pélagos...

É solidão  
e passa.  
Escurece  
e perde a graça.

É só uma canção  
que já não se canta.

# De manhã

Ondas escondem  
as cordas musicais  
da sinfonia submarina

Na superfície,  
o silêncio é melódico,  
amanhecido,  
só à beira mar.

E o verão acena  
em despedida.

# Nada

Há promessas  
de eternidade,  
mas...

- Nada resiste -  
(Há falácias em tudo),  
nem o corpo,  
nem a alma,  
nem a mente resiste.

Ante o corpo nu,  
o desejo aflora  
e vai embora.

Tudo  
(À força da marreta)  
sucumbe,  
desanda,  
desmonta.

Ao demolir-se,  
ou se perde,  
ou renasce,  
em cinzas,  
sobre as águas salgadas.

# Delírio

O píer fica imóvel,  
enquanto o navio se afasta.  
Vou ficando cada vez mais sozinho,  
- Eu e o livro -  
que agora, há pouco,  
lia, ouvindo o barulho das ondas.

À noitinha, a neblina virá,  
como sempre vem,  
e mudará meus pensamentos.

Lembrar-me-ei das nuvens brancas  
que abrirão o dia, amanhã,  
e terei vontade de escrever  
um verso nelas.

Mas o giz não alcança  
e, se alcançasse, seria da mesma cor:  
- Ninguém leria.



Ideias são, por vezes, delirantes.

Eu morro, como morre a sombra ao anoitecer.

- É o destino –

Depois,

desapareço na imensidão das águas,

cavalgando ondas da imaginação.

# Distante

A gaivota pisoteia a areia  
(Olhos flébeis)

Triste,  
como os dias cinzentos,  
na beira de um mar  
que, distante,  
ondeia sem rumo.

Há uma âncora enferrujando  
os tempos  
e o horizonte vai escurecendo.

O crepúsculo náutico  
é tedioso.

A gaivota sumiu  
-Mas há o barulho das ondas -

O mar parece adormecer.

Eu canto, solitário,  
sem cantos de sereias,  
enquanto meus olhos,  
úmidos,  
esperam o amanhã.

# Visão

Vi a lua  
entre árvores,  
entre montes,  
entre névoas.

Tão alta!

Não há pontes,  
só o horizonte  
vazio.

Quisera poder alcançá-la  
e deixar marcas de pés  
para marcar o caminho.

Tão distante!

Mas a vejo  
e tocá-la  
é um devaneio,  
nada mais do que  
um mero desejo.

# Sobre mim

Pingos de chuva,  
guarda-chuvas.

Réstias de sol,  
guarda-sóis.

Rosas dos ventos,  
pétalas se abrindo  
de um girassol.

# Temporal

O horizonte escureceu,  
o vento rapidamente se levantou,  
o sol partiu fugitivo.

A abelha abandonou a flor.

Quase em desespero,  
o pássaro iniciou  
um voo longínquo.

E o vento  
parece começar a despir tudo.

O tempo...

O temporal  
tem força  
e nunca é igual.

Tão bruto,  
descomunal,  
arranca placas,  
espalha latas,  
arremessa papéis.

Galopa medos,  
anseios,  
olhos cheios.

E, quando passa,  
ainda fica para trás.

# Pranto oculto

Por suas estrelas,  
a noite é linda,  
e a escuridão que  
não se vê  
é pranto oculto,  
latejante,  
vulto  
que dói profundo.

Escala o mundo  
... em vão.

É a estrela mais distante,  
entalada na memória  
e no semblante.

É como verso acabado  
de amor sem amantes.



E a que brilha  
é como a velha música  
em notas da trilha,  
algo grande que antes havia  
e não há mais.

Por todas elas  
a noite...

Às vezes escura,  
às vezes bela.

É como a vida:  
- Eterna espera.

# Sentença

Sentenciei a noite,  
apaguei as estrelas,  
escureci a lua  
e proibi lembranças.

O mundo virou trevas.

Dizer é mais forte,  
sentir é menos,  
muito menos.

Dizer enfurece alheios,  
desperta dormidos  
e azeda.

Sentir é solitário.

Silêncio não dá eco  
e assim, calado,  
quase dormente,  
meu eu me invade,  
docemente  
adormeço

- Há tanta suavidade em não ser!

# E partem

A senhora consciência noturna  
se torna longa  
no horizonte reflexivo.

Monossílabos sussurrados  
de outra boca,  
instintivamente,  
convence as estrelas

A noite segue fria,  
lenta  
e muda.

# Lua

A lua se deita  
na minha cama feita  
e some, antes que amanheça.

Procuro-a na pureza dos bosques,  
em réstias de luzes  
e em folhas e selvas.

Avisto alguns bichos,  
beirando as águas correntes,  
em sonhos que a mata esconde.

Fixo o olhar sobre o rio  
e a vejo ao fundo  
toda nua,  
toda lua.

# Plurais

O tempo nublou  
e a chuva virá  
ao anoitecer.

Falta humanidade  
e botes Salva-vidas.

Discursos plurais,  
razões singulares.

Pobre gente!

Em mãos que metem a mão  
o poder apodrece.

E o mal floresce.

# Eternidades

Quase toda noite é escura,  
mas há exceções.

nenhuma certeza é absoluta,  
há variantes na imaginação.

Nem todo breu é sem brilho,  
são diferentes as visões.

Quase todas as sentenças são definitivas,  
mas há exceções:  
-Nada prende a inspiração  
e, se há liberdade,  
não existem, nem mesmo, prisões.

Almas não ficam sozinhas.

Existe a leveza do voo  
e, se não bastasse,  
são tantas as eternidades!

# Rédeas

Seguro  
as rédeas da vida  
na penumbra  
natural do anoitecer.

Amanheci faz tanto tempo...!

Léguas percorridas  
marcaram o caminho.

inúteis mares navegados,  
agora percebo:  
- Nem toda onda é mar.

# Fim do dia

O sol se pôs,  
neste dia interminável,  
de ruas infindáveis  
e pessoas apressadas...

Escureceu.

Estrelas, lua e a  
calmaria...

Me verei  
no sono cansado  
após  
mais um dia superado.



## Epílogo

A noite despertará monstros adormecidos.  
O implacável ruído das carpideiras velará sonhos,  
acordará morcegos para o banquete de sangue.  
O escuro azul do véu que cobrirá a alma  
esconderá as marcas do sofrimento.

O dia ameaçará adentrar as janelas,  
cálido em amarelos claros,  
com a força que desbota as aquarelas,  
fazendo sombras e, refletindo nelas,  
o tormento do sino sem badalos.

Abrir-se-ão moradas sepulcrais  
em meio a furdunço desautorizado e silvestre,  
da forma que fizeram os plantonistas de janela,  
na vigência ilibada de vida tida como discreta:  
- Licença concedida pelos céus ao dito salafrário.

Não. Sem bajulações de arautos,  
nem piedade de falastrões.

Bastará que conste nos autos  
que, pela vida, abominou as falações.

## No chão

A lua, até que enfim,  
(- Quem diria!)  
vai pousar no meu jardim,  
deslizando  
em meu rosto  
e abraçando meu  
corpo.

Tão docemente  
e amável!

Nenhuma outra intenção,  
(lua que venero  
e que me enche de paixão),  
deitada comigo,  
aqui no chão.

# Paz e poesia

Não dá para ver a poesia como estática,  
pacífica e calada.

Ela tem que derramar, tem que escorrer,  
tem que ter versos que se entortem  
para passar entre pedras, em fendas minúsculas.

Tem que ter a rebeldia objetiva de quem luta,  
de quem protesta e sai à rua.

Poesia tem que ser expelida pela pele, em gotas suadas de  
inspiração,  
tem que causar reações calorosas na mente.

Tem que limpar o corpo e a alma  
e ,ainda assim, ser combativa.  
Tem que nascer tomada de insatisfação.

Não será pacificadora se vier em paz.

# Química

A química é que faz  
o vaga-lume brilhar  
e a noite destaca a luz  
no horizonte de trevas.

Vaga o luzente  
inocente em seu voo,  
num lume poético,  
luzindo no infinito.

Iluminado, o mundo  
é bem mais bonito.

Luz é poesia.

# Liberdade

Só sonha liberdade  
quem preso está  
e brada por socorro  
na incerteza das caminhadas.

Os versos pulsam,  
sacodem, dançam  
e explodem de alegria.

Comemoram, aplaudem,  
elogiam, criticam.

Lamentam,  
afugentam angústias  
e se calam.

Falam, escutam,  
declamam, rimam.

Versos têm alma.

Verso é vida!

# Às vezes

Às vezes,  
nada digo.

Aposso-me de alguma solidão  
para acompanhar a minha.

Perco-me  
em labirintos.

Sinto.

Gosto de absinto.

E espalho versos,  
pintados de ilusão.

# Notas

Canções intensas sem notas,  
versos sem métrica,  
amor sem medida.

Nem todas as belezas  
as mãos alcançam.

- Há flores mortas –

E há também  
obstáculos imperceptíveis.

Quando o amor toca a alma  
nem o silêncio  
(dos passarinhos)  
cessa o voo.

Ele é música,  
é poesia,  
desconhece fronteiras,  
alimenta o espírito  
e aniquila barreiras.

# Infusão

O perfume exala,  
inspirando o rimador.

Quente é a poesia.

Seu rosto é retrato  
de vapor abstrato,  
desenhado no espelho.

O verso cafeinado  
ascende os sonhos  
dá asas aos pensamentos  
enobrece a criação  
e  
a  
ternura  
poética  
  
voa.



# Fragrância

O poema fez brotar  
lindas flores,  
em essências especiais.

cada verso, uma fragrância.  
Cada estrofe, um acorde  
com notas olfativas  
e concentradas.

Um poema meigo  
e perfumado  
para ser sentido,  
para ser abrigado.

E, pela alma,  
acalentado.

# Metades

O poeta e o poema  
são confidentes.  
Cada um sabe  
o que o outro sente.

Estando próximos  
ou ausentes.

São discretos.

Comunicam-se,  
sabiamente.

Elo poético lindo de ver:

- Os dois sabem como ser  
e se entenderem.

# Ficou

Restou um rastro de poesia  
em folhas rabiscadas.

Um rascunho de poema,  
uma caneta trincada  
e um caderno envelhecido  
com marcas de café.

Tocos abundantes  
num cinzeiro enferrujado.

Ficou a vida sem óculos:  
- O poeta foi cegado.

# Imagens fugazes

Primeiro, a boca,  
a fala, o encanto...

Depois, o beijo.

E depois,  
bem depois:

- Os olhos:  
espelhos frios,  
fixos e sombrios.

Imagens fugazes,  
detalhes sutis,  
um olhar...  
feliz.

Como  
réstia de sol  
e cheiro de flor.

Longe e visível,  
léguas de um girassol  
e o sol a acariciá-lo,  
- suavemente!

Na memória,  
voltam versos,  
que o vento levou.

Era intenso o brilho,  
mas a vida apagou.

Da boca do beijo  
veio o silêncio  
que...

Para sempre se calou.

# Estranho meu

Sou ativista do inativo  
porque vibro com meus sonhos não vividos.  
Emociono-me com o que não tenho sentido.  
Lembro-me do que sempre foi esquecido.

Sou o belo que não se viu.  
Juventude que do nada envelheceu,  
vida de quem nunca viveu,  
morte de quem sequer nasceu.

Não me conheço.

Sou o estranho meu,  
fê e crença de ateu.

Prazer em não me conhecer!

- É só o que posso dizer.

# É assim

Pouco adianta a mim  
conhecer teus anseios.

Afinal, o mundo é cheio de perigos  
e ameaças.

Por isso, sonhe o possível.

Há presunção de culpa deliberada  
contra a liberdade.

E somos só mais um,  
diante do fuzil municiado.

Basta um disparo,  
nem tão raro,  
nem tão caro.

# A vida passou

A infância passou.  
Ficaram, no tempo, as vivências  
de palavras suaves,  
que preenchem carências.

Há a dor latente  
(morte natural),  
último toque dos 'eus'.

O tempo que traz  
também leva.

A despedida não foge.

Numa estação qualquer,  
alguém parte.

É o inevitável  
adeus.



# Palavras

Se apontas em palavras,  
já é má língua.  
Se boa fosse,  
silenciaria.

Se buscas a transparência,  
coloca o coração na mão  
e fita-o com olhos céticos.

Verás absurdos ecléticos  
em sujeitos na primeira pessoa.

Abras-te.  
Há outros.  
Inclua-as  
nas orações que entoas.

# Relógios

Os relógios são severos  
e, as sombras, escassas.

Diálogos sumiram,  
amordaçados pela tecnologia.

Vivendo em si,  
angustiado,  
o homem se tornou isolado.

Distraído, distante.  
com lobos  
na alma.

# Vontades

De onde virão essas vontades,  
que, vez ou outra, nos invadem,  
misteriosamente?

- Nesses instantes, o mundo muda.

Esses milagres,  
(Meu Deus!)  
nos fazem sensíveis  
e frágeis.

Até o egoísmo voltar,  
a insensibilidade voltar  
e tudo virar realidade.

Voltamos a ser tudo,  
menos gente.

# Olhar

Olhei demoradamente  
para a foto da família.

Rostos lindos,  
que meu coração vê.

Dedicatória  
de algum ano  
em que o sol se punha, rindo.

De lá para cá, eu a perdi,  
juventude!

Agora, só a tenho retratada.

Mas eu ainda a encontro na memória...

Ficou longe  
a cor da infância!

Silêncio é o que prende  
a garganta.

Fecho os olhos.

Saudade!

# Asas

As palavras vinham com asas.  
Eu as ouvia, mas passavam.

Meu tempo de sorrir diminuiu  
e elas começaram a retornar  
sábias, precisas e experientes.

Nas pedras da caminhada  
as ouço tão atuais,  
definitivas e confortantes!

É de ti que me lembro,  
quando os contos de terror  
tornam-se reais:

- Pai.

Deus dos meus anseios,  
meu anjo eterno!

# Emudeci

A palavra bateu no rosto  
e desmanchou o branco.

Emudeci.

Corei no silêncio,  
ante o abismo.

O oxigênio distante  
ignorou o meu sufoco.

Inventei vidas  
minhas.

Adivinhei pensamentos,  
em ares abstratos:

- Sobrevivi.

# Verdade

Somos tão grandes quanto a verdade,  
na mesma proporção,  
em que somos tão pequenos.

A verdade é a chata da razão.

Viver é emoção.

sonhos é que fazem acontecer.

O resto é brutalidade.

O emotivo vive, sente e sonha.  
O racional calcula o que não vive.

Velhos conflitos humanos:

- Eu sonho  
e a verdade sonha comigo.

# Cara e coragem

Cara e coragem,  
eternas bagagens  
desta viagem  
rumo ao fim.

Viver é partir  
sem apetrechos  
nem preconceitos,  
levando a vontade  
de ir, passo a passo,  
construindo a história  
preenchendo lacunas,  
de lembranças na memória.



# Bis

O sonho bom,  
antigo e jovem,  
antes planejado...

Despejado nos lábios:  
- Desejo.

Sorrir  
– não o riso que se apaga,  
mas o longínquo,  
contudente  
como fruto e semente.

Feliz o que vai  
e  
volta,  
pedindo bis.

# A rua

A rua ainda me acolhe  
em algumas caminhadas.

Tantas vezes, esperançoso, a percorri!

(Espionando em portas nas quais não bati).

Rua da minha mocidade,  
das folgadas tardes de domingo,  
do cinema lotado  
e do bar-café ao lado.

Há tantas outras vielas antigas,  
Jovens, revitalizadas,  
mas só tu, rua minha,  
estás em mim eternizada!

Por ti é que aqui volto  
e professo minha fé na Catedral.

Teu nome não digo,  
este segredo levo comigo,  
nesses passos na área central.

# Tardezinha

Entardeceu,  
o relógio soou.

A matriz emite o som  
e contempla a praça.

- Para que servem as horas?

Gosto de ser feliz,  
tanto, que sou!

Mas o tempo...

Se não passasse  
haveria adeuses?

O presente,  
eu sei,  
é todo meu.

O tempo...  
só pode ser Deus.

# Maçãs

Maçãs coradas,  
olhar infindo,  
dizendo nada,  
sorriso lindo!

Marcas do tempo  
entre duas datas.  
História composta,  
hiatos do vento,  
em sílabas separadas.

Do dito tudo  
sobrou o nada!

# Novos amanhã

Nas ruas, a população  
move-se mascarada,  
atônita.

Uma pontinha de vida  
chora ...

Lágrimas mundiais  
unem nações.

Espalha-se a fome  
e a dor tudo fecha.

Mas há o sol,  
acompanhando o mar  
e projetando novos amanhãs...

Há raios de fé  
e ondas de esperança,  
dizendo que ainda  
devemos sonhar.

# Fugaz

Ausências que habitam  
distantes épocas  
das minhas memórias,  
sem nomes,  
sem rostos,  
sem corpos.

Endereços nem constam.  
falta a glória,  
faltam folhas,  
sobram histórias,  
esquecidas.

Nem meu nome aparece.

Ergo as mãos,  
saúdo o finito.

Lembro-me de que tudo era bonito,  
quase uma prece.

Ajoelho-me  
e sinto que algumas raízes  
resistem em heroísmo.

Há uma luz  
esperançosa,  
mas não há recomeços.

Dou mais alguns passos  
para recordar o vivido,

e depois...  
o último tropeço.

# Ímpeto

Desejo abraços apertados,  
sorrisos sinceros e francos,  
corações em paz, confortados,  
e amizades sólidas, sem solavancos.

Que a corrida não seja só pela vitória,  
nem somente para constar na história.  
Que coisas ruins saiam da memória,  
porque todos merecem um mínimo de glória.

Que a fé não precise remover montanhas;  
que medalhas não sejam só para quem ganha.  
Que todos tenham o poder da barganha  
e que realizemos grandes façanhas.



# Último sol

Foi o último sol.  
depois,  
o inverno chegou.

A brisa  
cobriu a vida.

Nada mais era visível  
e o que se via  
não nos via.

O branco foi cobrindo  
os olhos fechados.

Silenciados.

E os sonhos dormiram  
eternamente.

# Sua vida

Sua vida  
é seu belo poema,  
é sua mais perfeita  
obra de arte.

É sua canção predileta  
e sua melhor peça teatral.

Sua vida é seu presente:  
- Viva-a intensamente!

Sorria feliz!

Use figurinos coloridos,  
experimente novos sabores  
e abrace, com carinho,  
seus amores.

A vida  
é sua incontestável vitória.

Agradeça.  
- É sua glória!

# Folhas

Quando uma porta se fecha,  
sinto a tristeza da alma vazia.  
Imagino a dor na cravada da flecha,  
que vem da solidão e dos amargurados dias.

É como um grito que ninguém ouve,  
como um silêncio que nos torna insanos.  
Sei que há lagartas cortando folhas  
e raivosas tesouras abrindo o pano.

É como a tristeza, depois que o trem passa,  
e a incerteza da dúvida se a angústia cessará.  
É choro no embarque entre promessas  
e a incerteza de quando a saudade gritará.

# Atemporal

Tempo prático é aquele  
em que se cultiva roseira,  
e, num momento romântico,  
presenteia-se a rosa.

Devaneios são  
perda de tempo.

Atemporais são  
as horas vazias,  
que tornam a alma fria.

Tempos melancólicos  
são divagações e lembranças,  
que pararam no próprio tempo.

O tempo para.  
O perdão  
é infindo.

O tempo presente  
é para ver a vida florescer  
e o amor dizer: – Bem-vindo!

Esse é o tempo de viver...

Ah, que tempo lindo!

# Quietude

Onde se abriga o silêncio  
que tantos guardam?

Dizem até que o silêncio fala,  
que talvez se expresse  
na voz do rio que corre,  
no canto matinal dos passarinhos  
e no vento assobiando, de mansinho.

Talvez o silêncio esteja  
na música distante  
ou no poema lírico engavetado.

Talvez se abrigue  
nos segredos prometidos  
ou no amor e seu gemidos.

Talvez até grite,  
mas não é ouvido.

- Existe o silêncio  
ou o mundo  
está muito distante  
para ouvi-lo?

## **À ave**

Sacudiu as asas na poeira.

Depois...

Vi, ao longe,  
sacudi-las na poça d'água,  
antes de subir e pousar,  
como sempre faz,  
na laranjeira, aqui em frente.

Outro dia, lá estava,  
valsando de asa alçada  
para a fêmea.

Agora montam ninho.

As penas brilham  
de felicidade.

Ao amanhecer,  
entoa um canto vencedor  
e a companheira freia o voo,  
vindo empoleirar-se ao seu lado

O cheiro da flor de laranjeira  
me distrai.

O amor está em tudo.

curiosamente,  
em tudo.



# Desequilíbrio

O primeiro dia foi de miséria,  
os demais também.

Não fosse a carne do porco,  
a fome seria total.

E, depois, um tiro certo  
quebrou a asa de uma ave.

(Uma das asas ainda batia)

Desequilibrada, caiu.

Com apetite voraz,  
segurou-a pelo bico,  
enquanto abria o pescoço.

O ar encheu-se de sangue.

Barriga vazia.

(Abatida, consumida)

Por tempos, salvou seu corpo,  
mas a alma,  
miserável,  
morria, dia após dia.

# Lembrei-me de Pietá

Trago mãos vazias  
e posso até mostrá-las.  
Nos meus braços,  
nada há.

A dor de Maria  
me faz sentir  
que sou total desalinho,  
tropeçando nas pedras  
do caminho.

Não há pontes unindo  
meu sul ao meu norte.

E o vento melancólico  
sopra, excessivamente forte.

- A alma balança.

Onde estará o ponto sagrado  
da harmonia humana  
para o mundo ser ancorado?

# Lembranças

Lembranças tantas...!

Qual é a melhor, eu nem sei...

Algumas, certamente vivi.

Outras, creio, sonhei.

O tempo andou distraído  
e me alegro ao me lembrar  
- nesta ausência de memória -  
de tudo o que foi vivido.

A melhor delas  
nem revelo.

Não por esquecimento,  
mas pelo prazer  
de a guardar...



*O tempo nublou  
e a chuva virá  
ao anoitecer.*

*Falta humanidade  
e botes Salva-vidas.*

*Discursos plurais,  
razões singulares.*

*Pobre gente!*

*Em mãos que metem a mão  
o poder apodrece.*

*E o mal floresce.*

